

**FANTASIA FEMINISTA:
ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS
NA OBRA DE O SENHOR DOS ANÉIS**

Adriana Mota Bastos (UVA)

motadrica@gmail.com

João Carlos Jeck (UVA)

Flavia Cunha (UVA)

RESUMO

O trabalho teve intenção de apresentar um mundo fantástico do livro *O Senhor dos Anéis*. O presente trabalho foi desenvolvido a partir dos estudos de literatura inglesa, norte americana e anglo americana, todas com abordagem voltada para a história da literatura do período Medieval ao Clássico do século XX. Também foram salientados de forma abrangente, mas sucinta, os aspectos históricos, sociológicos e culturais na Europa, o que despertou meu interesse em analisar especificamente os elementos que envolveram a criação das personagens femininas apresentadas no romance *O Senhor dos Anéis*, escrito por John Ronald Reuel Tolkien. O objeto desse trabalho de pesquisa foi valorizar as criações literárias femininas de John Ronald Reuel Tolkien, bem como analisar a forma como essas personagens enriqueceram a obra literária de forma geral e trouxeram para o leitor uma visão positiva da criação literária de fantasia que não retrata uma imagem submissa, opaca e sem voz atribuída as mulheres naquele período.

Palavras-chave: Fantasia. Personagem. Feminismo. O Senhor dos Anéis.

1. Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido a partir dos estudos de Literatura Inglesa, Norte Americana e Anglo Americana, todas com abordagem voltada para a história da literatura do período Medieval ao Clássico do século XX. Também foram salientados de forma abrangente, mas sucinta, os aspectos históricos, sociológicos e culturais na Europa, o que despertou meu interesse em analisar especificamente os elementos que envolveram a criação das personagens femininas apresentadas no romance *O Senhor dos Anéis*, escrito por John Ronald Reuel Tolkien. O objeto desse trabalho de pesquisa foi valorizar as criações literárias femininas de John Ronald Reuel Tolkien, bem como analisar a forma como essas personagens enriqueceram a obra literária de forma geral e trouxeram para o leitor uma visão positiva da criação literária de fantasia que não retrata uma imagem submissa, opaca e sem voz atribuída as mulheres naquele período.

Para complementar meus estudos, pesquisei as mudanças ocorridas na sociedade brasileira contemporânea, tendo como foco personagens descritas na literatura brasileira e estrangeira, mostrando muitas vezes uma mulher submissa, desvalorizada, distante de reflexões de ordem política, econômica ou cultural. Foi importante analisar os percursos que a própria literatura seguiu saindo do caráter formal, filosófico, para uma versão descritiva, fantasiosa, lúdica, mas nem por isso menos questionadora, uma vez que através dela surgiram muitas avaliações sobre o cenário que cercava as mulheres num espaço de criatividade e liberdade, que era o cenário da literatura em que *John Ronald Reuel* Tolkien se colocou.

Visto que muitas mudanças foram alcançadas nesse período histórico para as mulheres no cenário nacional e internacional, especialmente o inglês, de lutas por direitos iguais aos dos homens, defesa de direitos específicos para as pessoas do sexo feminino, observando as crescentes relações entre a visão da mulher na sociedade moderna e a contínua defasagem de valores atribuídos a essa parcela da sociedade, foi de suma importância analisar os conceitos literários e históricos que demarcaram esse movimento.

Para esse trabalho houve o interesse da pesquisa no intuito de buscar na história das sociedades anteriores às atuais, os movimentos literários que não reproduziram estereótipos, como a desvalorização das mulheres de modo geral ou em relação aos homens, contrariando o pensamento coletivo que reforça a ideia de que a depreciação da imagem da mulher contaminou os movimentos literários de forma absoluta. Não é negado aqui que existam outras obras literárias que ferem a imagem feminina, sabe-se que essa depreciação foi reconhecida em outras obras literárias por culpa dos ranços sociais, históricos, culturais, religiosos e comportamentais.

Para reforçar a tese que contraria essa determinação absoluta, foram selecionadas no livro de literatura clássica inglesa *O Senhor dos Anéis*, a presença de personagens femininas com características que contradizem a imagem negativa reproduzida pela sociedade patriarcal do século XX. Essas imagens foram retratadas também no livro brasileiro usado como complemento a essa pesquisa, *A Senhora dos Anéis*, de Rosana Rios, autora e organizadora do volume que relaciona todas as menções às mulheres ao longo de toda a obra de *John Ronald Reuel* Tolkien citada, comprovando a intenção sutil do autor em colocar a mulher como participante de seus textos em diversos momentos – alguns de destaque para toda a trama do romance. A relevância desse trabalho visa valorizar o

romance *O Senhor dos Anéis* como um expoente de criação literária de fantasia dentro do período histórico do século XX, como um marco do uso da imagem feminina de forma central, única e valorosa na narrativa. Também, com isso, reconhecer a importância da criatividade inovadora desenvolvida por *John Ronald Reuel* Tolkien para a criação literária mencionada inclusive no *The Oxford Illustrated History of English Literature*, livro editado pela própria faculdade de Oxford, reconhecida internacionalmente, e no qual O Professor, como *John Ronald Reuel* Tolkien era conhecido, dava suas aulas.

Para apoiar os temas desse trabalho foram selecionados textos de especialistas em movimentos sociais como Betty Friedan e Simone de Beauvoir, em análise do discurso Mikhail Bakhtin e Antônio Candido, especialistas em teoria da literatura Terry Eagleton e Vladimir I. Vladimír Propp (2001), e especialista no gênero de fantasia Gardner Dozois, também pesquisas de mestrado e doutorado que complementaram essas afirmações.

Como objetivo final do trabalho, busquei dialogar sobre as diversas possibilidades de se dar crédito as criações literárias clássicas para melhor entendimento da própria história no qual estamos inseridos. Abranger com mais ênfase a importância do conhecimento global das literaturas nacionais e internacionais como base para os conhecimentos culturais, comportamentais e históricos das nações que originaram as civilizações atuais.

2. *A história influenciando a obra o senhor dos anéis.*

No século XVIII, a Inglaterra valorizava obras que tinham importância demarcada pela sociedade patriarcal clássica como: filosofia, história, ensaios e cartas, assim como poemas. Os critérios para considerar literatura eram ideológicos. Textos dramáticos, romances populares, baladas não eram considerados literatura.

A Inglaterra do século XVIII emergia de uma sangrenta guerra civil do século anterior, que colocou classes sociais em lados opostos, buscando uma reorganização social com noções neoclássicas de razão, natureza, ordem e propriedade. A classe média dominante buscava se unificar a aristocracia por meio da valorização de hábitos refinados e padrões culturais comuns. Com isso, a literatura passou a ter uma nova importância: incluir uma série de instituições ideológicas: sermões, tratados sociais e

estéticos, manuais de etiqueta e traduções de textos clássicos. Noções de relação pessoal não faziam parte da criação literária dessa época.

No final do século XVIII, descreve Terry Eagleton, houve na Inglaterra uma mudança no sentido dos discursos, uma reorganização do que seria chamado de "formação discursiva da sociedade".

A palavra "imaginativo" enerva uma ambiguidade que sugere tal atitude: tem a ressonância do qualificativo "imaginário", significando o que é "literalmente inverídico", mas e também, decerto, um termo avaliativo, que significa "visionário" ou "inventivo". (EAGLETON, 2006, p. 27)

O período histórico é de revoluções na França, Espanha, Inglaterra e na América. O maior propulsor das criações literárias foi à própria alienação advinda das diversas manipulações políticas com intuito de militarizar ou mecanizar a população em prol de uma sociedade separada de dons criativos e voltada para o trabalho e o consumismo. Descrições realistas para a literatura já não atraíam o público leitor que buscava escapar da realidade medíocre e sem sinais de progresso. O crescimento do capitalismo e das pressões exteriores fez surgir uma Inglaterra com representação política brutal.

Surgia a necessidade da "imaginação criativa" para combater a alienação provocada pelo capitalismo industrial. A obra literária era vista como "unidade orgânica misteriosa" (EAGLETON, 2006). A literatura tornou-se independente, uma literatura alternativa, criativa e não mecânica. A função literária foi, através das artes, mudar a sociedade com os valores e energias trazidas por suas criações.

Segundo Terry Eagleton existiu uma relação entre a literatura e a ideologia, também com questões de âmbito social e político. O teórico também salienta as questões sobre o declínio da confiança na religião logo após o período vitoriano. O avanço nas pesquisas científicas e as lutas de classe fizeram com que essa instituição religiosa perdesse a credibilidade, ela que outrora foi capaz de ser útil nas diversas camadas da sociedade, com poder de tornar crenças em algo tático.

Para fundamentar sua tese sobre a importância a literatura, em especial a inglesa, Terry Eagleton cita George Gordon, professor de literatura de Oxford, que em sua primeira aula comenta:

A Inglaterra está doente e a literatura inglesa deve salvá-la. Tendo falhado as Igrejas (tal como as entendo) e sendo lentos os remédios sociais, a literatura inglesa tem agora uma tríplice função: ela ainda deve, ao que me parece, nos dar prazer e nos instruir, mas também, e acima de tudo, salvar nossas almas e curar o Estado. (EAGLETON, 2006, p. 35)

Também no livro *"The Oxford Illustrated History of English Literature"*, encontramos menção à depressão que assolava o país. Ao lado de uma ilustração de jovens estudantes está uma legenda, o depoimento de um deles: "We, young writers of the middle twenties were all suffering, more or less subconsciously, from a feeling of shame that we hadn't been old enough to take part in the Europe an war"⁹² (Christopher Isherwood, 1987, p. 432)

Havia a necessidade da sociedade de receber orientação de cunho político, sobre os deveres como cidadãos, alcançando os sentimentos das pessoas por meio dos mitos, lendas e a história, exemplos heroicos e patrióticos precisavam ser apresentados a esse grupo de forma atraente, eloquente e lúdica.

A literatura era pensada naquela época como uma leitura que não estava preocupada com falsas crenças marcadas em outros gêneros ideológicos como as questões raciais ou diálogos de direitos entre homens e mulheres. Segundo o autor, não era essa a função da literatura, ela deveria sim trazer "verdades atemporais" (EAGLETON, 2006, p.39) que buscase distrair as massas, trazendo ideais de tolerância e generosidade. "[...] também a pílula da ideologia da classe média deveria ser adoçada com o açúcar da literatura". (EAGLETON, 2006, p. 39)

Também havia na literatura o poder de remeter às classes a um mundo que elas não teriam condições de chegar ou frequentar. A literatura seria um compensador das massas por suas lástimas, tais como a pobreza, a falta de oportunidades e o luto. O inglês enquanto conteúdo acadêmico foi levado aos cursos técnicos e institutos como forma de apresentar uma educação liberal, enfatizando uma visão de solidariedade entre as classes, cultivo da simpatia, orgulho nacional e a transmissão de valores morais. As ideologias religiosas já não eram o foco das narrativas.

Em meio a essa movimentação cultural e literária chega à Inglaterra a Primeira Guerra Mundial. O autor esclarece o que poderia então significar literatura e qualquer outra manifestação deixada por escrito e que exigisse o belo, pois se usava naquele período o termo "Belleletters", que em suma exigia a excelência da escrita, a eloquência do vocabulário,

⁹² Nós, jovens escritores dos anos 1920, estamos sofrendo, alguns mais, outros, inconscientemente, menos, com sentimento de vergonha por não sermos velhos o suficiente para tornarmos parte na guerra Europeia. (Tradução livre)

a perfeição das descrições e a capacidade de transmitir emoções profundas. A literatura teve funções práticas como a função religiosa ou científica nesse período, pois ela se criava ao longo da história.

Com essa ressalva, a sugestão de que literatura é um tipo de escrita altamente valorizada é esclarecedora. Contudo, ela tem uma consequência bastante devastadora. Significa que podemos abandonar de uma vez por todas a ilusão de que a categoria literatura é objetiva, no sentido de ser eterna e imutável. (EAGLETON, 2006, p. 16)

Com esse pensamento o autor pretendia derrubar as teorias impostas pela igreja, por exemplo, que colocava seus textos como um gênero de literatura de qualidade inalcançável, pois agora se o autor tornasse seus novos escritos adequados ao que era classificado como “Belle Lettres”. Ele deixa claro que classificar uma obra como literária depende de fatores estáveis como a opinião de personalidades especializadas em cada gênero, ou da questão estética imposta a mesma, e até mesmo ao juízo de valores, que também seria imprevisível.

Passou-se a exigir critérios mais atenuantes no que se referem às críticas literárias, pois era agora exigida a transmissão de um “sentimento vital do uso criativo da linguagem” (EAGLETON, 2006, p. 48). Com isso mudaram os critérios para a avaliação dos novos profissionais de Inglês:

Ser um certo tipo de estudante de Inglês em Cambridge em fins da década de 1920 e princípios da década de 1930 significava estar envolvido nesse animado ataque polêmico aos vários aspectos mais banalizantes do capitalismo industrial. Era compensador saber que estudar Inglês, não só era uma posição de destaque, como também era o modo de vida mais importante que se poderia imaginar. (EAGLETON, 2006, p. 49)

2.1. A defesa dos movimentos feministas e suas influências

Para o início da pesquisa, o dicionário de Oxford registra 1894 como o primeiro uso do termo “feminista” e 1895 do termo “feminismo”. O pesquisador Sílvio Ruiz Paradiso (2011) define as participações da mulher nos movimentos feminista como um processo importante para a valorização desta em diversos campos, inclusive o da literatura de ficção. Feminismo é um movimento sociopolítico que luta pela igualdade de direitos, liberdade de expressão, contra discriminação das mulheres em relação aos homens. Dentro da literatura, essa teoria, de inspiração anglo-americana, defende que as mulheres têm um processo de leitura e escrita

diferente do homem, por força das diferenças biológicas e das formações culturais da categoria de gênero.

Através de suas pesquisas Sílvio Ruiz Paradiso relembra que a mulher na literatura como personagem foi descrita de maneira muito subjetiva ou de pouca importância, já que ela não poderia ser o foco dos textos, portanto não apresentava personalidade relevante. O patriarcalismo é um sistema no qual existe o controle para reger a sociedade, impondo a autoridade masculina, a desigualdade e discriminação em diversas esferas, criando os estereótipos para a mulher associando-a a parâmetros inferiores e ou negativos.

Sílvio Ruiz Paradiso usa os exemplos de Shakespeare para mostrar as mudanças literárias lentas nesse percurso, pois embora ainda apareçam mulheres bruxas em suas peças, Shakespeare dá voz a muitas personagens mulheres, em diversas posições, muitas vezes sendo protagonistas e assim ele conclui sua pesquisa.

2.2. O movimento feminista no contexto do século XIX

As grandes relevâncias literárias do século XIX se deram pelos diversos materiais que foram publicados como os livros: *E o vento levou* de Margareth Mitchel, *Polyanna* e *Polyanna Moça* de Eleonor Potter, *Mulheres apaixonadas* de D. H Lowrence, *A época da inocência* de Edith Walton, *Bliss* de Katherine Mansfield, Virgínia Woof com *As Horas*, entre muitos outros títulos de temas delicados e outros extremamente polêmicos por trazer discussões para o imaginário da mulher, que àquele tempo não tinha nem o direito ao voto, ou a ter independência financeira. Já havia casos escandalosos para a sociedade de mulheres divorciadas, mas as leis não previam direitos à guarda dos filhos ou propriedade da residência onde moravam, também a heranças e pensões.

O discurso e o papel da mulher na literatura começam a tomar diferentes posições no que tange ao discurso, ao poder e à subjetificação.

Segundo a autora Betty Friedan, com o surgimento do marketing nesse período, a propaganda feita para as massas se tornou tão eficaz, convincente que alterou a vida íntima das pessoas, então ao final dos anos 50 ela, a mulher, começa a ser alvo de manipulação.

Existe a partir desse período um retrocesso nos movimentos sociais, que outrora, abriram as portas dos direitos trabalhistas, salariais e até

políticos para as mulheres. Nesse mesmo período, passa-se a vender a imagem da mulher caseira, feminina, delicada, materna, estigmatizando a imagem da mulher que trabalha e ficava fora de casa. Essa mulher agora precisa consumir e voltar para casa.

2.3. Os conflitos dos discursos feministas no pós-guerra

A escritora Friedan salientou as fases do pós-guerra, que gerou um comportamento de incentivo ao consumismo norte-americano como motivador do movimento de libertação feminina. Numa primeira fase ela cita o princípio do desenvolvimento industrial, que buscava salvar o país da crise, empregando e produzindo em série. Com isso, foi preciso dar poder de compra e incentivar o consumo. Numa segunda fase, o marketing entra como um discurso de conscientização da população no qual era exigido comprar para manter a sociedade. Num terceiro momento, o foco eram as mulheres que, mais suscetíveis, precisavam estar em casa, pois trabalhando elas consomem menos. Com isso, as propagandas eram quase unanimemente voltadas para elas. As donas de casa deviam ser elegantes, consumir para a casa. Não cabia ser boa dona de casa e trabalhar. Divulgava-se a ideia de vulgaridade, falta de amor à família, de cuidados aos filhos, negligência com aquilo que elas mais almejavam o casamento.

Em meio a essas contradições, a autora cita o livro de Simone de Beauvoir *O Segundo Sexo* lançado na Inglaterra em 1949, com comentários polêmicos sobre as mesmas reflexões que ela vinha sofrendo, Friedan cita então um quarto momento histórico, quando pública em 1964 o livro *A Mística Feminina*. Os textos colocados no livro incitaram essas mulheres ao debate, trocar experiências e contestar a sociedade. Essas revoltas encontraram-se com os movimentos estudantis, da população negra que se sentiam desprezados e marginalizados dos movimentos Híppies, de combate às guerras que o país se envolvia.

Um dado importante que a autora se refere é a proporção de mulheres nas universidades em relação aos homens, houve uma queda de 47% de mulheres em comparação aos homens em 1920, que essa diferença foi para 35% das mulheres em 1958. Um século antes disso as mulheres lutavam pelo direito de estudar, mas nos anos 1950 elas abandonavam os cursos para se casar, muitas conheciam seus futuros maridos nas universidades. A autora comenta que nas universidades havia uma busca por alcançar os avanços tecnológicos na área de Astronomia, mas

era discutida a ideia de que mulheres não ocupavam esses bancos estudiantis, pois não lhes parecia feminino. (Friedam, 1963)

Na literatura desse período as personagens femininas eram heroínas nem tão jovens, maduras, independente financeiramente, enérgicas, atraentes e corajosas, mais ainda esforçadas e determinadas, menos frívolas, lutando para conquistar algo maior. Essa heroína quase nunca era dona de casa; na verdade, as histórias quase sempre terminavam antes de nascerem os filhos. Segundo conta a autora, esses romances não tinham grande valor literário, mas a personalidade das coadjuvantes parece dizer algo sobre suas donas de casa que, então, liam as revistas femininas. “A nova mulher era o ideal da dona de casa de ontem; refletia os sonhos, os anseios de individualidade e o senso das possibilidades que existiam então para a mulher”. (FRIEDAN, p. 27)

2.4. A definição de literatura e suas considerações

Para deixar mais claro como a literatura narrativa passou a ser considerado um novo gênero, em seu livro, Mikhail Bakhtin esclarece a cerca das mudanças de paradigmas feitas pelo crítico literário V. M. Jirmunski no artigo sobre “Problemas do método Formal” (BAKHTIN, 2002, p. 73), em Leningrado, em 1928, ele explica sobre as análises críticas de obras literárias, por exemplo, uma das obras de A. Tolstoi foi feita como “um sistema de significações subordinadas, assim como no discurso prático” (BAKHTIN, 2002, p. 73), sendo assim, diferente dos textos poéticos, que eram sim, considerados obras literárias na época. Ele então determinou as características para avaliar os textos narrativos:

1. A narrativa direta e indireta do autor (em todas as suas variedades multiformes);
2. A estilização de diversas formas da narrativa tradicional oral;
3. As estilizações de diversas formas da narrativa escrita semiliteral tradicional (cartas, diários etc.);
4. Diversas formas literárias, mas que estão fora do discurso literário do autor: escritos morais, filosóficos, científicos, declaração retóricas, descrições etnográficas informações protocolares etc.;
5. Os discursos dos personagens estilisticamente individualizados.

(BAKHTIN, 2002, p. 74)

Esse autor explica que essas diferenciadas formas de escrita, ao serem desenvolvidas num único romance (ficção) se ligam de forma

harmoniosa. Essa característica original na forma de se escrever acontece pela subordinação das unidades, que são parcialmente independentes em suas funções, provocando uma combinação de estilos que se integram direta ou indiretamente. Na obra de *John Ronald Reuel* Tolkien isso pode ser percebido entre os textos narrativos, descritivos, diálogos das personagens, e ou, inserção de poemas chamados por “baladas”.

As personagens descritas nas obras de romance, bem como novelas e teatros, se compõem de um discurso com características epistemológicas e deve ser entendido como a base de importância da elaboração da ficção. Ainda que haja poucas mulheres descritas ao longo da narrativa do livro de *John Ronald Reuel* Tolkien, busquei salientar a notável presença de personagens criadas para a obra de acordo com o estudo de personagens elaborado pelo teórico Antônio Candido (1968). Segundo o autor, a ficção deve ser definida independentemente das personagens que a compõe.

A narrativa de ficção, ou fantasia, deve ao longo de suas descrições apresentar o local, detalhar as paisagens, possíveis seres vivos mesmo que animais, objetos inanimados, mas esse conjunto só atingiria a característica humanizada quando se “animam”, ou seja, criarem uma espécie de consciência interna, através da imaginação pessoal. (CANDIDO, 1968, p. 22)

A personagem deve se situar num lugar e tempo, esse sendo fictício e por tanto atemporal. É necessário para compor a narrativa que, além dos elementos descritivos, exponha a presença humana, que não deve ser demorada em ser descrita. Nesse ponto, vemos a inter-relação de diversos tipos de personagens criadas especialmente por Tolkien para a obra *O Senhor dos Anéis*, que desenvolve uma narrativa de ficção voltada para o imaginário criativo, descritivo e fantasioso, que não se limitou a ter apenas personagens humanos, mas seres descritos como sendo de outras raças, biótipos e formas.

Essas personagens do livro citado trazem sempre características extraídas da natureza como os “Ents”, árvores centenárias que dialogam com personagens humanizadas, os Hobbits, as “águias” que se comunicam com o mago Gandalf, outra personagem humanizada. Sempre que mencionados, esses elementos, seres e até pessoas têm na narrativa analisada elementos ligados à natureza.

2.5. A criação de personagens na literatura de fantasia

Segundo Vladimir Propp (2001), existe para cada personagem o momento certo e as delimitações de suas funções na ficção. Ele chama de “grandeza constante e grandeza variável”. Em contos que envolvam magia chamados *Contos Maravilhosos*, cada função dos personagens é delimitada. Daí a conclusão de que o conto maravilhoso atribui frequentemente ações semelhantes a personagens diferentes. Isto nos permite estudar os contos a partir das funções dos personagens. (PROPP, 2001, p. 16)

O livro *The Oxford Illustrated history of English Literature* traz sobre as mudanças históricas as repercussões para a literatura e as artes, segundo o autor do livro era fácil perceber nos anos de 1940 uma vontade de dormir e sonhar com outros mundos, outras realidades, que os aproximasse da sensação de austeridade e paz. Ele fala sobre as diferentes obras que surgiram no século passado e que alimentaram as fantasias desse novo momento, lembrando-se de Louis Stevenson e J. M. Barrie com *A Ilha do Tesouro* e *Peter Pan*, respectivamente. Também o surgimento da literatura apocalíptica de Thomas Huxley e H.G. Wells e utópica com Willian Morris. Fazendo uma referência específica à *John Ronald Reuel Tolkien*, ele fala da memorável participação do professor com a corrente literária de fantasia em voga, travando uma luta entre o bem e o mal, exemplificando por meio das aventuras dos Hobbits e da figura Gollum.

[...] another trilogy which, though it was not published until the fifties, was largely written in the forties, and belong to them in spirit. J.R.R. Tolkien, an old-fashioned Oxford philologist, used all his knowledge of the early European romances to shape the action of *The Lord of the Rings* (1954/55), the story of an epic confrontation between Good and Evil. (The Oxford Illustrated history of English Literature, p. 447)⁹³

Dentro desse tema encontrei nas palavras do autor e crítico literário Gardner Dozois amplas informações a respeito especificamente do gênero romance de fantasia, pois ele foi o autor do livro *Modern Classics of Fantasy*, de 1997, um volume único especialmente criado com as grandes referências do gênero dentro do período de tempo estudado para esse trabalho.

⁹³ [...] outra trilogia que, embora não tenha sido publicada até os anos cinquenta, foi em grande parte escrita na década de 40, e pertencem a eles em espírito. J.R.R. Tolkien, um clássico professor de filologia filólogo de Oxford, usou todo o seu conhecimento dos primeiros romances europeus para moldar a ação de *O Senhor dos Anéis* (1954/55), a história de um confronto épico entre o Bem e o Mal. (The Oxford Illustrated history of English literature, p. 447)

O autor introduz em sua obra uma série de autores contemporâneos e as obras que foram referência para a abertura comercial do gênero de fantasia. Ele admite que em quanto escrita de ficção, as fantasias sempre fizeram parte da literatura, citando como exemplo o livro de Homero *Odisseia* e *Ilíada*.

Gardner Dozois cita o nome de escritores do século XVIII e XIX, período crucial pra as definições do gênero de romance que tinha no contexto fundamental o imaginário mágico, ou Maravilhoso, aqui também citado por Vladmir Propp. Entre os autores comentados estão William Morris, George Mac Donald, Charles Dickens, Mark Twain, Kiplin, Arthur Conan Doyle, Júlio Verne e outros que traziam sugestões sobre contos de suspense e terror, literatura gótica envolvendo fantasmas ou seres pré-históricos. A fantasia aparecia de uma forma ou outra. Gardner Dozois defende em seu livro que muitos contos estavam espalhando-se por meio das “pulp fictions”, revistas populares feitas de sobras, polpa do papel utilizado em publicações, e que com custo extremamente baixo popularizou-se.

A Weird Tales magazine e a *The Magazine of Fantasy and Science fiction* auxiliaram muitos jovens a entrar em contato com esse mundo fantástico e extremamente criativo. Mas ele retoma que foi somente no início do século XX, que as obras de ficção tomaram forma e se redefiniram como contos de fantasia, a partir do lançamento dos livros de *John Ronald Reuel* Tolkien, que por suas características únicas para a época, no que se referia a forma dos textos e seleção das personagens esse gênero elevou seu status e foi muito solicitado pelas editoras. Ele comenta sobre a grande ânsia por esse gênero literário de ficção, que nos primórdios do século eram publicados como gênero de ficção científica, pois não se tinha uma adequada classificação para contos que envolvessem personagens mágicos, ou animais humanizados. *John Ronald Reuel* Tolkien abriu um espaço de respeito sem precedentes e transformou a literatura de fantasia num movimento literário próprio do século XX.

J. R. R. Tolkien's *The Lord of the Ring* trilogy is often cited as having single-handedly created the modern fantasy genre, but while it's certainly hard to overestimate Tolkien's influence almost every subsequent fantasist was hugely influenced by Tolkien, even, haplessly, those who didn't like him and reacted against him. (DOZOIS, 1997, p. 9)⁹⁴

⁹⁴ A trilogia *O Senhor dos anéis* de J. R. R. Tolkien é frequentemente citada como tendo criado sozinho o gênero de fantasia moderna, mas embora isto vá certamente superestimar sua influência, praticamente todos os livros de fantasias que se seguiram foram enormemente influenciados por

De acordo com Gardner Dozois, houve uma série de materiais reeditados e lançados após o enorme sucesso dos livros de *John Ronald Reuel* Tolkien por sua editora. Romances de aventura, contos de cavalaria, magia, fantasia e ficção científica passaram a ser reclassificados e analisados de acordo com suas especificidades, e novos temas foram sendo aproveitados. Ele assume que houve uma grande participação e divulgação dos volumes escritos por *John Ronald Reuel* Tolkien, o que movimentou as produções literárias.

After Tolkien, everything changed. The audience for genre fantasy may have existed already, but there can be no doubt that Tolkien widened tremendously. The immense commercial success of Tolkien's work also opened the eyes of other publisher to the fact that there was an intense hunger for fantasy in the reading audience, and they, too, began looking around for something to feed to that hunger. (DOZOIS, 1997, p. 10)⁹⁵

Finalizando os apontamentos de Gardner Dozois, ele cita outros nomes que surgiram, tendo seus trabalhos melhor avaliados depois do fenômeno *John Ronald Reuel* Tolkien, como Lin Carter, Ashton Smith, Lord Dunsany, FrietzLeiber, Robert Howard (o pai de “Conan”), H.P Lovecraft (pai do “Cthulhu”), e Úrsula Le Guin, terceira na listagem de “High Fantasy”, com sua coleção Earth Sea, perdendo apenas para C.S Lewis e o próprio *John Ronald Reuel* Tolkien.

Esse movimento literário de transformação das personagens e enredos de fantasia teve reflexo no Brasil com autores contemporâneos como André Vianco e suas obras *Os Sete*, *Os Filhos do Sete*, Rafael Albuquerque Pereira (Raphael Draccon) e a trilogia *Dragões de Éter*.

3. O valor do feminino na vida e obras de *John Ronald Reuel* Tolkien

No livro organizado por Rosana Rios, *A Senhora dos Anéis* (2005), uma trajetória dos personagens de *John Ronald Reuel* Tolkien é recriada para determinar a defesa sobre as criações de *John Ronald Reuel* Tolkien. Segundo Rosana Rios, *John Ronald Reuel* Tolkien foi um ho-

Tolkien, felizmente, e mesmo por aqueles que não gostavam dele ou reagiam contrários a suas colocações. (Tradução livre)

⁹⁵ Depois de Tolkien tudo mudou. O público para esse gênero de fantasia podia até já existir, mas ali não há dúvidas de que Tolkien ampliou-o tremendamente. O imenso sucesso comercial da obra de Tolkien também abriu os olhos de outros editores ao fato de que havia uma intensa fome de fantasia no público leitor e eles também começaram a procurar algo para alimentar sua fome. (Tradução livre)

mem cercado por mulheres importantes ao longo de sua vida e dedicou muito do seu trabalho à apreciação de sua esposa, Edith conforme aparece no livro “As cartas de J.R.R.Tolkien”, de 1981, organizado por seu filho Christopher *John Ronald Reuel* Tolkien com ajuda de Humphrey Carpenter, biógrafo de *John Ronald Reuel* Tolkien.

Segundo Rosana Rios, após a adaptação, em 2001, de *O Senhor dos Anéis* para a versão Cinematográfica percebeu-se uma popularização dos contos de *John Ronald Reuel* Tolkien, pois estes alcançaram um público novo, de jovens que não foram contemporâneos ao período em que *John Ronald Reuel* Tolkien viveu. Muito das criações originais se perdeu nessas adaptações para dar voz ao público que se apresentava na época do lançamento dos filmes e também por conta dos próprios recursos modernos usados pelo diretor do filme que deram ênfase a outras partes da narrativa. Rosana Rios acredita que a influência dos novos tempos fez surgir diálogos novos e até mesmo personagens novos.

Infelizmente, a riqueza do seu enredo e personagens, bem como os fundamentos linguísticos – a base da criação de Tolkien- não acompanharam de forma completa as mudanças de linguagem, e para o público em geral, desatento, leitores desatentos às sutilezas das mais de mil páginas da obra original [...] (RIOS, 2005, p. 15)

Exemplificando as influências femininas que fizeram parte da vida de *John Ronald Reuel* Tolkien, outra carta publicada foi para sua tia Joyce Reeves, em novembro de 1961, em que ele escreve:

Sempre gostei de tias solteiras perspicazes e de bom coração. Abençoados são aqueles que as têm ou conheceram-nas. Apesar de serem mais comuns, em minha experiência, do que as tias de Saki. A tia profissional talvez seja um desenvolvimento razoavelmente recente; mas fui afortunado por ter um dos primeiros exemplos: uma das primeiras mulheres a receber um título acadêmico científico. Ela agora está com noventa anos, mas apenas alguns anos atrás foi praticar Botânica na Suíça. (Cartas de J. R. R. Tolkien, (carta 232), p. 294)

Em resposta a outra carta, *John Ronald Reuel* Tolkien responde para a senhora Ruth Austin, em 25 de janeiro de 1971, sobre a origem da personagem Galadriel:

Fiquei particularmente interessado em suas observações sobre Galadriel... Creio que seja verdade que devo muito desta personagem ao ensinamento e imaginação cristãos e católicos sobre Maria, mas na verdade Galadriel era uma penitente: em sua juventude uma líder na rebelião contra os Valar (os guardiões angelicais). Ao final da primeira Era, ela orgulhosamente, recusou o perdão ou a permissão para retornar. Ela foi perdoada por causa de sua resistência à tentação final e esmagadora de tomar o anel para si mesma. (Cartas de J. R. R. Tolkien. (carta 320) p. 385)

4. *Apresentando as mulheres na obra o senhor dos anéis*

A base fundamental desse trabalho foi justamente buscar as participações femininas nos mais diversos ambientes no livro de *John Ronald Reuel Tolkien*, mostrando que não houve nenhum tipo de negligência quanto a colocação ou não de mulheres, mas houve sim uma distribuição de elementos necessários a composição do gênero narrativo voltado para o contexto de guerra e luta de espadas, do qual fazem parte em quase toda a trama. Que, tal qual na realidade, os homens quando partiam para as guerras deixavam as mulheres para traz e guardavam as lembranças destas como um “porto seguro”.

Na obra de *John Ronald Reuel Tolkien* é possível perceber esse olhar, pois talvez para ele, como ex-soldado de guerra e tendo grande respeito e postura na maneira como se refere as mulheres, já que atribuiu características afáveis, harmoniosas, agradáveis, frágeis ou independentes talvez fosse difícil colocá-las diante dos horrores da guerra com tranquilidade. A escritora Rosana Rios listou um total de noventa e três personagens, entre as que só foram citadas, pois já apareceram em outros livros dele, ou por terem participação direta em *O Senhor dos Anéis*. Também aquelas pessoas que são mencionadas em lembranças, como a mãe de Frodo e de Aragorn.

Particularmente, eu percebi dois nomes que incluí nessa pesquisa, mas que não foram mencionadas no livro *A Senhora dos Anéis*, apesar de ter sua existência reconhecida pela autora, a entes esposa Frimbetil, pé-de-fada, e a Senhora Magote, que talvez por não ter citado seu primeiro nome, apenas o sobrenome que é igual ao do marido não foi lembrada.

É preciso compreender o contexto das literaturas de fantasia, da *high fantasy*, explicada anteriormente, dos contos de cavalaria e outros gêneros como o de contos de fadas, identificando cada função que as personagens se inserem. Se posicionar historicamente diante dos fatos que acompanharam o Professor *John Ronald Reuel Tolkien* durante a criação do conjunto de livros que gerou *O Senhor dos Anéis*.



Fig. 2 Beladona.

Fonte: <<http://www.legendariummedia.com/2015/04/23/middle-earth-menu-belladonna-tooks-lovely-lemon-cake>>. Acesso em: 28-12-2016.

Para determinar a sequência de descrições e citações sobre as personagens escolhidas busquei a menção na obra completa. Logo no primeiro livro do volume I, *A Sociedade do Anel*, uma série de personagens é apresentada como sendo a comunidade do condado. Esses são os pacíficos Hobbits, personagens descritos como: estatura baixa, orelhas pontudas, cabelos cacheados e pés grandes e peludos. Por serem personagens que vivem do trabalho no campo, curiosamente na obra, não usam sapatos. Todos se reconhecem pelo sobrenome de seus familiares, assim temos logo no início menção às personagens mulheres, Beladona Took, (O Hobbit, p. 12) mãe de Bilbo e sua tia, Lobélia. (A Sociedade do Anel, p. 27)



Fig. 3: Lobélia.

Fonte: <http://lotr.wikia.com/wiki/Lobelia_Sackville-Baggins>. Acesso em: 2-12-2016.

Uma nova citação à personagem feminina aparece no capítulo V do livro um, quando os Hobbits Frodo, Sam, Pippin e Merry chegam a casa onde Frodo passaria a morar. Nessa casa, eles estão passando a última noite segura antes de seguir viagem para uma cidade desconhecida. Estavam todos a mesa para a última ceia num local familiar e relembram alguns fatos corriqueiros de seus amigos. Então Frodo discute sobre um punhado de cogumelos deixados em uma cesta, que estes foram dados especialmente a ele pela esposa de seu vizinho, a senhora Magote: “- Os cogumelos são meus! – disse Frodo. – Dados a mim pela Sr^a. Magote, a

rainha das mulheres de fazendeiros. Tire as mãos gulosas daí, que eu sirvo.” (A Sociedade do Anel, p. 83)



Fig. 4 Senhora Maggot.

Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/101823641548428164>>. Acesso em: 2-12-2016.

Ainda no 1º volume do livro um, *A Sociedade do Anel*, após descrever uma série de situações difíceis e perigosas pelas quais passaram os Hobbits como: pular cercas, adentrar a mata fechada, subir e descer colinas, atravessar plantações, escapar de uma perseguição, eles são ajudados por Tom Bombadil, que os convida a passar a noite em sua casa, lá eles encontram a elfa Fruta D'Ouro, companheira de Tom, que alivia o cansaço e medo dos hobbits depois de uma longa e perigosa jornada.



Fig. 5 – Fruta D'ouro e Tom Bombadil

Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/570479477772618301>>. Acesso em: 02-12-2016.

Numa cadeira, do lado oposto à porta de entrada, estava uma mulher. Os longos cabelos loiros caíam em cachos sobre seus ombros; o vestido era verde, verde como juncos novos, salpicado de prata como gotas de orvalho; o cinto de ouro parecia uma corrente de lírios-roxos, presa por botões azuis de mioótis. Rodeando-lhe os pés, em grandes vasilhas de cerâmica verde e azul, boiavam nenúfares brancos, e ela parecia estar num trono no centro de um lago.- Entrem, caros convidados! – disse ela. Ao ouvi-la falar, os hobbits reconheceram a voz cristalina que tinham ouvido cantando. Deram alguns passos tímidos adiante, e começaram a fazer reverências, sentindo-se estranhamente surpresos e desajeitados, como pessoas que, batendo à porta de uma choupana para pedir um copo de água, tivessem sido atendidas por uma jovem e bela ra-

inha-élfica toda coberta de flores. Mas antes que pudessem dizer qualquer coisa, ela pulou por sobre os nenúfares e correu na direção deles. (TOLKIEN, A sociedade do anel, p. 99)

Na sequência, ainda no livro um, encontra-se a referência à uma personagem que se torna uma lenda no volume analisado, uma vez que que esta só aparece em outro volume, *O Silmarillion*.



Fig. 6 – Luthien e Beriem.

Fonte: <<http://www.deviantart.com/art/Beren-and-Luthien-257096509>>.

Acesso em: 2-12-2016.

Em seu livro, Rosana Rios se refere a Luthien como uma personagem de muita força e bravura, de feitos que nenhum outro ser, entre os homens ou elfos, superou:

Luthien é considerada a mais forte personagem feminina criada por Tolkien, que projetou ela o amor que tinha por Edith, sua esposa: é uma personagem que tem força, coragem e paixão. Bela, voluntariosa e ciosa de sua liberdade de escolha, jamais desistiu diante das adversidades, e foi a única personagem de toda a saga a obter vitória sobre Morgoth e Sauron. Nenhum homem ou elfo foi capaz disso. (RIOS, 2005, p. 123)

No livro, a personagem Luthien Tinúviel está somente sendo citada, pois ela não participa da trama, só é feita referência à ela para se referir a sua descendente, Arwen, esta sim, participa do enredo da história. Abaixo segue um trecho da Balada de Beren e Luthien Tinúviel, cantada por Aragorn, par romântico de Arwen, a elfa.

Para trazer os comentários agora sobre a personagem Arwen, A Estrela Vespertina, é preciso saber que ela como Elfa, abriu mão de sua eternidade para se unir ao rei Aragorn, mesmo antes de ele enfrentar orcs, ajudar os Hobbits e assumir o trono. Logo que os Hobbits chegam a casa do elfo Elrond, um imenso palácio entre uma vasta floresta, A cidade de Valfenda, Frodo está se aproximando da mesa onde todos os demais companheiros de viagem e os anfitriões o aguardavam, incluindo Arwen.

No meio da mesa, diante de tapeçarias tecidas penduradas na parede, havia uma cadeira sob um dossel, e ali se sentava uma mulher bonita de se olhar,

que era tão parecida com Elrond em suas formas femininas que Frodo adivinhou que ela era uma parente próxima dele. Era jovem, e ao mesmo tempo não era. As tranças de seu cabelo escuro não tinham sido tocadas pela neve, e os braços brancos e o rosto claro eram perfeitos e suaves, e a luz das estrelas estava em seus olhos brilhantes, cinzentos como uma noite de céu limpo; apesar disso, parecia -se com uma rainha, e seu olhar era cheio de ponderação e sabedoria, como o olhar de alguém que conhece muitas coisas que os anos trazem. Na altura da fronte, a cabeça estava coberta com uma touca de renda prateada, enredada com pequenas pedras, de um brilho branco; mas o traje, de um cinza pálido, não tinha qualquer ornamento, a não ser um cinto de folhas lavradas em prata. (A sociedade do Anel, p. 174)



Fig. 7 Arwen.

Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/173459023120523567>> Acesso em: 02/12/16

A seguir se apresenta a personagem mais importante entre os seres na trama de *John Ronald Reuel* Tolkien, Galadriel.

Já no final do primeiro volume, livro II, a presença de Galadriel ocorre em três momentos distintos e essenciais para toda a trama. Num primeiro instante ela é percebida num grande salão ao lado de outra pessoa, ambos com vestes muito parecidas, imponentes, com aparência física semelhante pois são elfos, sempre colocados na obra de maneira delicada, feições suaves, esbranquiçadas, cabelos longos, abaixo da cintura, olhos claros e olhar firme, imortais, portanto, muito sábios, apesar de trazer no rosto aparência da idade que possuem.



Fig. 8 – Galadriel. Fonte:
<<http://mynerdbubble.blogspot.com.br/2015/08/motivos-para-ler-e-amar-tolkien.html>>. Acesso em: 02-12-2016.

[Celeborne Galadriel. Levantaram-se para cumprimentar os convidados, como fazemos elfos, mesmo aqueles tidos como reis poderosos. Eram muito altos, a Senhora não menos que o Senhor; eram belos e austeros. Usavam trajes completamente brancos; os cabelos da Senhora eram de um dourado profundo, e os do Senhor Celeborn eram longos e prateados, mas não se via nenhum sinal de idade naqueles rostos,...]...[- Apesar disso, mais bela ainda é a terra de Lórien, e a Senhora Galadriel está acima de todas as joias que existem sobre a terra!] (TOLKIEN, A sociedade do anel, p. 274 e 275).

Nessa mesma sequência da narrativa, ao perceber a aproximação que tinha dessa senhora tão bela que lhe foi apresentada, a personagem Frodo observa-a atentamente enquanto ela fala com demais convidados e comenta em voz alta: – A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela – disse Frodo. (TOLKIEN, p. 281)

Um momento de grande clímax para a trama acontece nessa mesma sequência da narrativa. De acordo com a cronologia do autor, um tempo se passa após um jantar que foi servido para receber os oito heróis da jornada, que após cruzarem com diversos perigos, chegam á Lothlórien, a Cidade do qual Galadriel é soberana, tem o poder acima dos demais magos descritos na trama, responsável por entregar a Luz de Elbereth num frasco de cristal que guiou dois hobbits até Cirith Ungol, a casa de Laracna, capas de proteção, cordas élficas. Sendo a portadora de um dos três Anéis dos Elfos, sendo uma das três pessoas mais importantes entre toda essa raça. De acordo com a citação abaixo, caso aceitasse a oferenda de Frodo ela seria a “Senhora dos Anéis” aquela que controlaria a todos na Terra Média.

Você me oferece o Anel livremente! No lugar do Senhor do Escuro, você coloca uma Rainha. E não serei escura, mas bela e terrível como a Manhã e a Noite! Bela como o Mar e o Sol e a Neve sobre a Montanha! Aterrorizante como a Tempestade e o Trovão! Mais forte que os fundamentos da terra. Todos deverão me amar e se desesperar! (TOLKIEN, A Sociedade do Anel, p. 282)

Aqui cabe uma explicação: Após a sequência narrativa desse trecho, descobre-se que Galadriel, se recusa a ficar com o anel e todo o poder e cobiça que ele inflama em seu portador. Ela reconhece que somente seres tão desprendidos e despretensiosos como os Hobbits teriam tanta força interior para portá-lo e destruí-lo.

Observando a obra de *John Ronald Reuel Tolkien* é possível perceber que o autor tinha uma necessidade absoluta de fazer descrições incrivelmente precisas sobre as paisagens por onde as personagens passavam. Para isso ele usava de diversos artifícios linguísticos que buscavam transmitir para o leitor toda veracidade que aquele lugar poderia possuir, caso realmente existisse. *John Ronald Reuel Tolkien* tinha completa noção de que sua obra se tratava de uma história de fantasia, por essa razão, talvez, se esforçasse tanto para trazer detalhes muitas vezes próximos da realidade, para diminuir essa barreira entre o real e o imaginário.

John Ronald Reuel Tolkien não se contentou em criar uma fantasia que envolvesse apenas seres humanos, elfos, anões, magos, ogros, entre outras figuras semi-humanas, criando uma série de incríveis personagens na forma de elementos da natureza, cruciais para a defesa da Terra Média. Entre eles temos os ENTS e, portanto as Entesposas, árvores com elementos humanos como nariz, boca, olhos, braços e pernas, mas também com personalidade e consciência, símbolo dos elementos mais experientes da natureza, na obra eles se vangloriam por sua idade e sabedoria, falam com muito cuidado e de forma demorada, e se mostram inconformados com a devastação provocada pelo mal, representado por Saruman nas terras de Isengard e no livro, O retorno do Rei, tem uma importância fundamental ao se vingar de tamanha devastação, destruindo Isengard.

Pelo que se percebe o autor coloca a importância sobre a existência das fêmeas Ents tão alta a ponto de as personagens mencionarem a falta delas como factual para o desaparecimento de toda uma espécie, levando-os a extinção. Esse diálogo e posto entre Barbávore e os Hobbits Merry e Pippin no livro 3, volume 2, As Duas Torres:

Segundo contam os outros livros que completam a obra, as entesposas saíram para ensinar o homem a arte do cultivo, passar seus conhecimentos aos indivíduos. O diálogo de Barbávore tem um tom preocu-

pante na história, pois ele explica que já vinha procurando pelas entesposas, pois com a destruição de muitos de seus semelhantes, eles estavam correndo o risco de extinção.

Mas as entesposas se dedicaram às árvores menores, e à campinas ao sol além dos pés das florestas; viram o abrunheiro nas moitas e a macieira selvagem e a cerejeira florescendo na primavera; e as ervas verdes nas terras banhadas pela água e a grama descende nos campos durante o outono. Não desejavam conversar com esses seres, mas eles desejavam ouvi-las e obedecer ao que lhes diziam. As entesposas ordenaram que crescessem conforme seus desejos, e que produzissem folhas e frutos como queriam; pois as entesposas desejavam a ordem, muita ordem, e paz (que para elas queria dizer que as coisas deviam permanecer como elas as tinham colocado). Então as entesposas fizeram jardim nos quais pudessem morar. (As Duas Torres, p. 52 e 53)

Para finalizar a participação de representações femininas como personagens determinantes na obra *O Senhor dos Anéis*, segue Eowyn, a rainha branca de Rohan, sobrinha de Théoden rei de Gondor, tem diversas participações no final do sexto volume. Após o final da última batalha, no final das despedidas ela tem um romântico diálogo com Faramir:

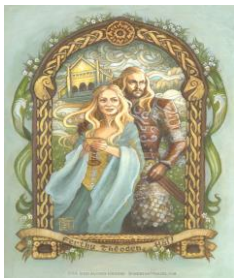


Fig. 9 – Eowyn e Faramir. Fonte:

<https://br.pinterest.com/explore/galadriel-senhor-dos-an%C3%A9is-921311603143>
Acesso em: 02-12-2016.

Faramir disse: – Não despreze a comiseração oferecida por um coração gentil, Eowyn! Mas eu não lhe ofereço minha comiseração. Pois você é uma senhora nobre e valorosa, obteve um renome que não será esquecido; e você é uma senhora bela, considero eu, e sua beleza está acima até do que a língua dos elfos pode descrever. E eu a amo. [...]

– Estou em MínoAnor, a torre do sol – disse ela; e eis que a sobra partiu! Não serei mais uma escudeira, nem competirei com os grandes cavaleiros e deixarei de me regozijar apenas com canções de matança. Serei uma curadora, e amarei todas as coisas que crescem e não são estéreis. – outra vez olhou para Faramir. – não desejo mais ser uma rainha, disse ela. (O Retorno do Rei, p. 244)

5. *Considerações finais*

Essa foi uma pesquisa de cunho bibliográfico com análise crítica sobre os pontos de vista histórico, social e da sequência narrativa que buscou por meio da leitura e análise material, traçar um perfil imaginativo para a criação do livro *O Senhor dos Anéis*, desenvolvendo um posicionamento favorável às criações literárias escritas por *John Ronald Reuel* Tolkien no período de 1917 até 1950, embasadas por teóricos especialistas no gênero literário romance de fantasia. Entender também que de acordo com o que foi apresentado neste trabalho sobre as expectativas para a literatura de ficção, os romances daquela época buscavam mostrar uma nova imagem, o perfeccionismo na descrição das ações e paisagens, também nas situações que provassem emoções no leitor.

Dessa forma pode ser apresentada a grande influência gerada pelos movimentos históricos que sucederam o período acima citado, como a Primeira e segunda Guerra Mundial, a depressão econômica que assolou diversos países, os movimentos feministas e literários que auxiliaram a dar uma forma e definir padrões para que o gênero textual analisado pudesse ser definido. Também tomando conhecimento sobre os reflexos que essas definições criaram tal qual o reconhecimento de novos e promissores escritores.

Também por meio da análise foi possível perceber a grande influência familiar e pessoal que tornou possível a assimilação à obra *O Senhor dos Anéis* com as experiências vividas pelo autor *John Ronald Reuel* Tolkien. Com isso criar uma relação de maior proximidade entre a obra e seu criador.

É possível concluir de forma inegável que o trabalho literário proposto pelo Professor *John Ronald Reuel* Tolkien foi de grande relevância para todo um estudo referente a importância da literatura como fonte histórica e relacionada a sociedade antepassada e contemporânea.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. Trad.: Bernardine, Aurora e Júnior, José Pereira. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CARPENTER, Humphrey. *As cartas de J. R. R. Tolkien*. Oliva, Gabriel Blum. Curitiba: Arte & Letra, 2010 [(1981)]

DOZOIS, Gardner. *Modern Classics of Fantasy*. New York: St. Martin Griffin, 1997.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad.: Waltesir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREITAS, Ernani César de. PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Rio Grande do Sul: Universidade FEEVALE, 2013.

PARADISO, Sílvio Ruiz. Mulheres, bruxas e a literatura inglesa: um caldeirão de contra discursos. *Revista Cezumar*, Paraná, vol. 16, n. 1, p. 189-202, jan/jun 2011.

PROPP, Vladimir. *As raízes históricas do conto maravilhoso*. Trad.: Rosemary C. Abílio e Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RACY, Gustavo. Tolkien e os críticos: recepção e legitimação nos campos literários. *Revista Ponto e Vírgula*, São Paulo: PUC, vol. V, n. 14, p. 80-95, 2013.

RIOS, Rosana. (Org.). *A Senhora dos Anéis*. São Paulo: Devir, 2005.

ROGERS, Pat. *The Oxford Illustrated History of English Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

TOLKIEN, John Ronald Reuel. *O Senhor dos Anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (1954 [1994]).

_____. *O Hobbit*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 (1937 [1998]).

_____. *O Silmarillion*. São Paulo: Martins Fontes, 002. (1977 [1999]).